

ASHERAH EM DUAS TEORIAS SOBRE A ORIGEM DA MONOLATRIA EM ISRAEL¹

Amanda Binda Theotônio²

Resumo

O presente artigo analisa o processo de monolatrização de Israel a partir das concepções de George Fohrer e Haroldo Reimer. O primeiro opera sob os paradigmas historiográficos antigos, enquanto o segundo trabalha a partir da historiografia recente. A pesquisa, portanto, apresenta os eventos e os personagens que foram importantes para a implementação da monolatria. Além disso, mostrará como Iahweh assumiu o lugar e as características de outros deuses e, por conseguinte, extinguiu o culto aos demais deuses, tornando-se então o único deus do povo de Israel. Uma das deusas abolidas nesse processo foi Asherah, portanto, a pesquisa se concentra em sua apresentação bem como na descrição de suas principais características.

Palavras-Chave: Monolatria; Iahweh; Politeísmo; Deuteronomista; Asherah.

Introdução

O artigo apresenta a origem da monolatria de Israel a partir das concepções de George Fohrer e Haroldo Reimer. Fohrer faz parte da historiografia antiga e sua teoria foi muito importante até ser superada pela historiografia recente. Sua obra possui um caráter mais religioso, se comparada à teoria de Reimer, o qual faz parte da historiografia recente. Reimer, por sua vez, é direto, claro e objetivo com os pontos que destaca sobre a monolatrização. As teorias possuem discrepâncias entre si. No entanto, a despeito do período em que foram escritas, também apresentam afinidades.

Quando lida sincronicamente a partir do livro de Gênesis, a Bíblia apresenta a ideia de um único deus, criador do mundo, dos seres existentes e de Adão. Porém, nada se conhece sobre as origens e as características desse deus criador. No decorrer da narrativa é apresentado Enós, o qual foi o primeiro a começar a invocar o nome de Iahweh³. A partir de então é descoberta a divindade Iahweh (Gênesis 4,26). Na sequência, apresentam-se as histórias de Noé e do dilúvio. “Noé, o patriarca da nova criação, recebe instruções da mesma divindade e

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de Artigo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2020, sob a orientação do professor Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro.

² Graduanda do Curso de Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. E-mail: amandabindatheotonio@gmail.com.

³ Esta expressão também aparece na literatura como: Yhwh, Javé, Yahweh ou Iahveh. Esta pesquisa utilizará a expressão Iahweh, exceto nos casos de citação direta, onde alguns autores fazem opção pelas outras expressões.

constrói a arca, cooperando com o único Deus na recriação do universo (Gênesis 6-9)”⁴. O Genesis também apresenta a história dos patriarcas, onde Deus é reconhecido pelo nome do patriarca ao qual se revelou. “O fato dos patriarcas receberem revelações de divindades que recebem nomes distintos, segundo o nome do intermediário (Deus de Abraão, Deus de Isaque, etc.) não atrapalha esta visão de que na origem havia somente um Deus”⁵.

Essas são as narrativas apresentadas pela Bíblia quando lida de forma sincrônica, e possuem um caráter apenas tradicional. Como exemplo, Mário Liverani em “*Para Além da Bíblia*”, apresenta, na primeira parte, a historiografia desmontando todas as narrativas bíblicas. Na segunda, ele toma sincronicamente as narrativas e tenta explicar o que se quis dizer com essa narração⁶.

Dessa forma, a Bíblia lida a partir desse pressuposto procura mostrar que na origem havia apenas um único deus, criador do mundo e da humanidade. Logo depois, se arrependeu de sua criação e mandou o dilúvio para destruir e, assim, poder reconstruir aquilo que já havia criado. Porém, mesmo depois de reconstruir sua criação, os seres humanos criados se corrompem novamente e começam a idolatrar outros deuses e, a partir desse ponto, todos os personagens bíblicos que se alegavam eleitos por Deus lutam para libertar o povo hebreu daquilo que eles chamavam de falsos deuses.

No campo da pesquisa bíblica surgiram questionamentos sobre os textos da Bíblia e sobre esse monoteísmo original apresentado. Esses questionamentos levaram a uma discussão “relacionada com todo um processo de revisão de opiniões ‘clássicas’ acerca do perfil diacrônico dos textos da Bíblia hebraica e das concepções relacionadas à sociedade do antigo Israel em seus vários momentos históricos”⁷. Um exemplo dessas discussões foi “o próprio período pós-exílico, visto antes como o momento de decadência da época de ouro das revelações originárias de Israel, passou a ser visto como o momento histórico decisivo para a formatação dos materiais literários da Bíblia hebraica”⁸.

1 TEORIAS SOBRE O PROCESSO DE MONOLATRIZAÇÃO

Primeiro será apresentada a teoria de George Fohrer o qual foi um renomado estudioso do Antigo Testamento. Fohrer faz parte dos historiadores da religião de Israel que a)

⁴ REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre monoteísmo hebraico*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2009. p. 22.

⁵ REIMER, 2009, p. 22.

⁶ LIVERANI, Mário. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

⁷ REIMER, 2009, p. 25.

⁸ REIMER, 2009, p. 25-26.

desconhecem a historiografia recente e b) consideram a história bíblica como contendo algum fundamento histórico. Ou seja, é um livro de caráter mais religioso do que de pesquisa e opera sob os paradigmas historiográficos antigos. Para Fohrer, a história de Israel inicia dentro das ondas migratórias para povoar o Crescente Fértil. Esse, portanto, será o nosso ponto de partida, até chegarmos à reforma deuteronomista.

1.1 Teoria de Fohrer

Para Fohrer, a história de Israel começa a se desenrolar dentro de uma estrutura de ondas migratórias semíticas “que emergiram do deserto da Síria e Arábia com o objetivo de penetrar no Crescente Fértil”⁹. Ele fala sobre quatro ondas: a onda acadiano-egípcia (3000 a.C.); a onda amorita (2500-2300); a onda cananea (2100-1700) e a onda aramaica (1400-900). “Portanto na história de Israel, não encontramos um grupo unificado de tribos etnicamente homogêneas. Em vez disso, deparamos com famílias, grupos e tribos de origens bem diferentes”¹⁰. Reimer trabalha com uma ideia que:

as fronteiras identitárias entre aquele ‘povo hebreu’ do Israel antigo e os povos circunvizinhos, na terra de Canaã eram bem mais fluidas ou ‘porosas’. Postula-se a existência de constantes intercâmbios culturais e religiosos no quadro referencial e nos momentos próprios do que se pode chamar de ‘sincretismo’.¹¹

Os deuses cultuados no período antigo de Israel não eram nomeados ou conhecidos por suas características pessoais. É sugerido então “um deus de clã que é anônimo ou que não é mencionado pelo nome e cultuado pelos membros dos clãs por causa de uma decisão tomada por um de seus antepassados”¹². Em Gênesis teríamos o exemplo dos nomes dos pais adicionados ao deus o qual cultuavam, “O Deus de Abraão”, “O Deus de Isaac”, “O Deus de Jacó”¹³.

Então, para Fohrer, é possível concluir que:

no período antigo de Israel cada clã (e provavelmente também cada tribo) cultuava o seu deus particular. Esse é o mais antigo estágio que se pode discernir. Há uma multiplicidade de religiões de clã (e religiões tribais), de modo que a tradição está correta em sustentar que os pais cultuavam outros deuses.¹⁴

⁹ FOHRER, George. História da Religião de Israel. São Paulo: Academia Cristã/Paulus. 2006. p. 32.

¹⁰ FOHRER, 2006, p. 34.

¹¹ REIMER, Haroldo. Monoteísmo e Identidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 16, p. 66-79, 2008. p. 75.

¹² FOHRER, 2006, p. 44.

¹³ FOHRER, 2006, p. 44.

¹⁴ FOHRER, 2006, p. 46.

Quando os israelitas entraram na Palestina, tiveram uma influência grande e importante da religião Cananéia, a qual foi citada acima em uma das ondas migratórias para povoar o Crescente Fértil. Nessa religião, havia um panteão de deuses no qual os deuses El e Baal eram figuras dominantes. El ocupa a posição mais importante, embora algumas vezes seja forçado para o segundo plano. Ele “é chamado de ‘pai dos deuses’, ‘pai da humanidade’ e ‘criador de todas as criaturas’, isto é, ele é o criador e pai de deuses e homens. [...] também se referem a ele como ‘criador da terra’”¹⁵. Asherah é sua consorte. Ela “é adorada como ‘criadora dos deuses’”¹⁶ e Baal seu filho.

Os israelitas levaram para a Palestina as religiões de seus clãs e montaram pequenos santuários para seus deuses, mas também tiveram acesso a alguns santuários cananeus. Dessa forma, “logo, eles vincularam os deuses do clã a esses santuários, em vez de ao próprio clã [...] e as divindades cultuadas na caminhada tornaram-se divindades de lugares específicos”¹⁷. “No caso dos lugares consagrados a El, sobretudo os deuses do clã foram equiparados ao deus local. Por isso a tradição sempre localiza na Palestina os encontros dos patriarcas com El”¹⁸. Para Fohrer, “a equiparação dos deuses do clã com El forneceu base para o empréstimo de vários aspectos da religião cananeia. Mais tarde, a equiparação seguinte de El com Iahweh incorporou esse material ao javismo”¹⁹.

Fohrer fala de um javismo mosaico onde Moisés teve fundamental importância, assim como os patriarcas, pois ele “foi em primeiro lugar um receptor da revelação, fundador de um culto e líder inspirado de um grupo nômade”²⁰. A fuga do Egito aconteceu sob a proteção de Iahweh e conseqüentemente o sucesso dessa fuga também foi atribuído a ele. O que fez com que essa nova religião ganhasse destaque entre as religiões de clã. Depois da fuga do Egito, o grupo de Moisés foi para Cades e, de lá, para a montanha de Iahweh, que não possui uma localização precisa. “De qualquer maneira, a montanha era o local onde o relacionamento entre Iahweh e o grupo de Moisés foi, finalmente, determinado, instituindo esse grupo como a comunidade dos adoradores de Iahweh”²¹. “Depois de uma estada de algum tempo na montanha de Iahweh, o grupo de Moisés partiu para a Palestina, de conformidade com seu plano mais antigo [...] Dali, o Javismo difundiu-se entre os israelitas”²².

¹⁵ FOHRER, 2006, p. 58.

¹⁶ FOHRER, 2006, p. 58.

¹⁷ FOHRER, 2006, p. 77.

¹⁸ FOHRER, 2006, p. 78.

¹⁹ FOHRER, 2006, p. 80.

²⁰ FOHRER, 2006, p. 89.

²¹ FOHRER, 2006, p. 91.

²² FOHRER, 2006, p. 92.

As outras nações podem ter outros deuses, mas Iahweh supera a todos, e o grupo de Moisés deve adorar somente a ele. Portanto, o javismo mosaico não conhecia nada acerca de um monoteísmo teórico que nega a existência de outros deuses.²³

Para Fohrer, depois que o grupo de Moisés chegou à Palestina trazendo consigo o javismo mosaico, “ele foi absorvido no grupo central das tribos que pertenciam à “casa de José”. Parece que esse novo grupo aceitou logo sua nova fé”²⁴. “O javismo foi imediatamente recebido entre as outras tribos israelitas. Esse processo, provavelmente, estava essencialmente completo por volta da metade do século XII”²⁵. Josué, que foi associado a Moisés, posteriormente também desenvolveu um papel importante no javismo mosaico. Na batalha de Gabaão e Aialon, “ele alcançou a vitória sob a égide do Deus Iahweh, que, como creram os soldados, interveio pessoalmente na contenda (Js10.1-15)”²⁶.

Não muito tempo depois, houve outro reconhecimento de Iahweh em razão de uma vitória militar. [...] Sob condução de Barac e Débora, as tribos oprimidas de Isacar, Neftali e Zabulon, aliançadas com Benjamim, Efraim e Maquir (de acordo com Jz 4, apenas Neftali e Zabulon), alcançaram a vitória, porque, como eles creram, Iahweh interveio com todo o seu poder em nome dos israelitas. Essa vitória foi atribuída diretamente a Iahweh [...] Desse modo, uma tribo após outra veio a aceitar o javismo.²⁷

Para Fohrer, houve dois conflitos do javismo com outros grupos. O primeiro é o conflito do javismo com o nomadismo. Esse conflito “começou bem naturalmente dentro do grupo de Moisés. À medida que os resíduos do mundo conceptual do nomadismo sobreviviam na Palestina, aí continuava o conflito”²⁸. Na montanha de Iahweh estabeleceu-se o parentesco entre Iahweh e o grupo de Moisés que se transformou em Israel, esse parentesco foi definido geneologicamente.

Nessa associação é Iahweh quem dá e Israel quem recebe. A confiança no poder pessoal é substituída pela confiança no auxílio poderoso de Iahweh; a vontade pessoal é substituída pela obediência à vontade de Iahweh; o esforço com vista à glória é substituído pela glorificação de Iahweh; e o orgulho quanto à generosidade pessoal é substituído pela gratidão pela generosidade de Iahweh. Portanto valores novos tomam o lugar do ideal nômade.²⁹

²³ FOHRER, 2006, p. 97.

²⁴ FOHRER, 2006, p. 109.

²⁵ FOHRER, 2006, p. 110.

²⁶ FOHRER, 2006, p. 110.

²⁷ FOHRER, 2006, p. 111.

²⁸ FOHRER, 2006, p. 123.

²⁹ FOHRER, 2006, p. 124.

O outro conflito do qual Fohrer fala foi o conflito do javismo com a religião Cananea, esse conflito foi “mais duro, prolongado e grave do que aquele com o nomadismo, que, de qualquer modo, estava sujeito a declinar senão a desaparecer inteiramente”³⁰.

A natureza do javismo e a situação dos israelitas na Palestina tornaram o conflito inevitável. Por um lado, Iahweh aparece como um Deus que se apossa dos homens e os coage, é todo poderoso e exaltado acima de tudo, um Deus de vontade ética que exige obediência radical, que reivindica fidelidade total de seus adoradores. Por outro lado, depois da ocupação da Palestina, o modo de vida israelita tornou-se crescentemente semelhante àquele da população cananea [...] O novo modo de vida estava intimamente relacionado com as ideias e com o comportamento que os israelitas encontraram entre a população nativa. Inevitavelmente eles começaram a se aproximar do modo de vida, das práticas culturais e do ambiente religioso cananeus.³¹

Durante esse conflito entre Israel e os Cananeus, “Israel viu seu Deus Iahweh em oposição a outros deuses que eram igualmente poderes reais. A existência desses outros deuses foi livremente admitida”³². O autor se refere ao panteão dos deuses cananeus. “Não é surpreendente que El já identificado com os deuses antigos do clã, tenha sido identificado com Iahweh, e que a religião de El e o javismo iniciasse um processo de união”³³.

Embora Iahweh não fosse subordinado a El, o javismo não combateu a religião de El, empenhando-se, ao contrário, numa acomodação. Assim, El, o Deus que foi identificado com os deuses do clã, foi concebido como uma revelação antiga do Deus que mais tarde se tornou conhecido como Iahweh. Isso preparou o caminho para Iahweh tomar por empréstimo muita coisa de El³⁴.

Um acontecimento importante para a legitimação do culto a Iahweh foi a reforma de Josias. “A base para a reforma cultural foi um código de leis apresentado a Josias. É quase universalmente conhecido que tal código era uma forma incipiente do livro do Deuteronômio”³⁵. Por isso, a reforma de Josias também é conhecida como a Reforma Deuteronômica.

De qualquer forma, trata-se de um processo contínuo e coerente que era não só um empreendimento político, como também religioso, mesmo na reforma concluída. A reforma removeu do culto tudo aquilo que não se ajustava com o javismo e se constituiu no reconhecimento de Iahweh, da parte do Estado, como o único soberano de seu povo. A reforma era, por um lado, uma revolução antiassíria e, por outro, uma revolução conservadora com tendências nacionalistas, culturais e legalistas.³⁶

³⁰ FOHRER, 2006, p. 129.

³¹ FOHRER, 2006, p. 130.

³² FOHRER, 2006, p. 131.

³³ FOHRER, 2006, p. 132.

³⁴ FOHRER, 2006, p. 132-133.

³⁵ FOHRER, 2006, p. 379.

³⁶ FOHRER, 2006, p. 378-379.

De acordo com Fohrer, a teologia deuteronomica é dominada por três ideias básicas. A primeira ideia é a unidade de Iahweh: “por isso, a teologia deuteronomica exigia a centralização do culto num único santuário”³⁷. A segunda ideia é o zelo por Iahweh, pois, “percebemos claramente a exigência de adoração exclusiva de Iahweh”³⁸. E a terceira ideia “é tomada dos profetas: o amor de Iahweh, que desde os patriarcas tinha manifestado inexplicável graça e favor para com Israel, o qual não demonstrara nenhuma qualidade para justificar esse favor”³⁹. Para Albertz, porém é muito provável que “la entera legislación deuteronomica sobre la reforma proceda del tribunal supremo de Jerusalén, como interpretación global de antiguas tradiciones jurídicas”⁴⁰.

Segundo o autor, Josias em sua reforma teria purificado Jerusalém e seus arredores e o templo, mandou destruir todos os objetos dos cultos assírios, cananeus e de todos os cultos estrangeiros. “Ele iniciou uma campanha a fim de desenraizar todos os traços de práticas religiosas estrangeiras ou sincréticas, incluindo os ancestrais lugares elevados – os altares ao ar livre- na áreas rurais”⁴¹. Ele também centralizou o culto à Iahweh em Judá. Após sua morte, nem todos seus sucessores seguiram as medidas de sua reforma, um exemplo foi Joaquim que excluiu a centralidade do culto em Judá.

Diferentemente do que diz Fohrer e Reimer, que veremos a seguir, Rainer Albertz discorda do fato da reforma ter sido realizada pelo rei Josias. Albertz diz que é difícil Josias ter realizado a reforma sozinho, ele tinha apenas oito anos quando foi coroado rei e por esse motivo o autor acredita que outros grupos usaram o jovem rei para promover a reforma.

Es difícil que pudiera realizarla el próprio Josías por sí solo; más aun, el rey no fue nunca el verdadero impulsor de la reforma, como se deduce del tono críticamente antimonárquico de la legislación deuteronomica [...] Además, si se tiene en cuenta que Josías era sólo un niño de ocho años cuando subió al trono, es del todo evidente que la iniciativa reformista tuvo que proceder de otros grupos, que se sirvieron del joven rey para imponer sus propios planes.⁴²

Albertz então conclui que a reforma deuteronomista foi realizada de cima, ele diz que

Em suma, es claro que la reforma deuteronomica fue un movimiento impuesto desde arriba. El que movía todos los hilos era, indudablemente, un grupo de aristocratas cultos, separado de la enorme massa acomodaticia y aprovechada de dirigentes de Judá, para luchar por una transformación del Estado y de la sociedade israelita, pero

³⁷ FOHRER, 2006, p. 384.

³⁸ FOHRER, 2006, p. 384.

³⁹ FOHRER, 2006, p. 384.

⁴⁰ ALBERTZ, Rainer. Historia de la Religión de Israel em Tiempos del Antiguo Testamento: de los comienzos hasta el final de la monarquía. Madria: Trotta, 1999, p. 382-383.

⁴¹ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. A Bíblia não Tinha Razão. São Paulo: A Girafa, 2003, p. 371.

⁴² ALBERTZ, 1999, p. 376.

que, a raíz de la muerte de Josías, se vio obligado a aceptar unos compromisos deleznales.⁴³

Ainda sobre a reforma deuteronomista e reforçando a ideia de Albertz, Romer acredita que a Escola deuteronomista foi formada pelos descendentes dos escribas e de outros funcionários da corte judaica⁴⁴. Ele ainda diz que esse grupo era “obcecado pelo fim da monarquia e pela deportação das elites de Judá, e busca explicar o exílio construindo uma história de Yhwh e de seu povo, desde os inícios sob Moisés até a destruição de Jerusalém e a deportação da aristocracia⁴⁵”. O que Fohrer explica muito bem ao mapear a história desde as ondas migratórias semíticas.

Romer ainda diz que então para os deuteronomistas,

Yhwh é certamente o deus que reina sobre todos os povos, mas mantém uma relação particular com Israel. É uma maneira notável de manter a antiga ideia de Yhwh como um deus nacional, ou tutelar, afirmando, ao mesmo tempo, que ele é o único verdadeiro deus.

1.2 Teoria de Reimer

Na visão de Haroldo Reimer, Israel em seu contexto não começou com o monoteísmo original e se corrompe com o passar da história. Para ele, Israel era um povo politeísta que passou por vários momentos como guerras, reformas religiosas, destruição de altares e proibição de cultos a outros deuses que não fosse o deus Iahweh.

Para Rainer Albertz, desde sua origem a religião javista está relacionada com as tribos e com o povo. “Desde sus mismos orígenes, la religión yahvista aparece funcionalmente relacionada con el conjunto de la tribu, con los lazos tiberales de parentesco y, eventualmente, con la entera totalidad del Pueblo”⁴⁶. Albertz, diferente de Reimer, destaca o período dos patriarcas como uma importante parte do processo histórico do javismo. “Em Israel, las diversas familias tenían y podían tener dioses particulares. Y eso sólo em los primeros tempos anteriores a la monarquía, cuando el culto de yahvé eún no se había impuesto a nivel de tribos, sino también durante toda la época monárquica”⁴⁷. Haroldo Reimer, por sua vez, sintetiza todo o processo do politeísmo à monolatria em cinco fases que serão apresentadas a seguir.

⁴³ ALBERTZ, 1999, p. 378-379.

⁴⁴ ROMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 211.

⁴⁵ ROMER, 2016, P. 211.

⁴⁶ ALBERTZ, 1999, p. 64.

⁴⁷ ALBERTZ, 1999, p. 69.

A primeira fase ele descreve como um sincretismo pacífico entre El e Iahweh. A história da origem do povo de Israel surge em meio a uma diversidade étnica e grupos seminômades, povos migratórios. Deve-se então trabalhar com um sincretismo ‘inclusivo e harmonização entre El e YHWH’,⁴⁸.

No panteão cananeu, El é celebrado como o deus criador da terra, como criador e pai de outros deuses. Em Gênesis 14,19, ainda se pode perceber essa memória: ‘El, o Altíssimo, o criador do céu e da terra’. Em Gênesis 2,7 [“e então formou Deus (Elohim – YHWH) o ser humano a partir da terra”] também transparece essa função criadora de El. A menção de YHWH no contexto pode estar remetendo para uma releitura feita a partir da tradição javista posterior. O nome genérico *Elohim* é utilizados várias vezes como referência a YHWH.⁴⁹

Essa assimilação entre El e Iahweh foi realizada por povos que constituíam Israel desde sua origem, ou seja, os primeiros povos. Posteriormente, foi assumida no período monárquico nos tempos de Davi e Salomão. “Outros elementos da representação religiosa Cananéia ou jebusita [...] são agregadas à representação de YHWH, como, por exemplo, a ideia do deus-rei, exposta muitas vezes nos salmos”⁵⁰.

Após uma organização anti-hierárquica de Israel e das doze tribos, foi preciso um símbolo que representasse essa nova organização. Dessa forma, houve o sincretismo entre El e Iahweh. Albertz descreve esse sincretismo como:

El dios <<El>>, que hasta entonces había servido a los campesinos y pastores cananeus como símbolo de su libertación, era un dios del mundo semítico. Ciertamente que, como <<rey de los dioses>>, ocupaba la cima del panteón, pero estaba indisolublemente vinculado al ámbito de los dioses de las ciudades cananeas. Por eso, no parecía el más adecuado para ser un símbolo antijerárquico, precisamente en confrontación con esas ciudades. Pues bien, ahí radicaba exactamente su diferencia con <<Yahvé>>, el dios importado por el grupo del éxodo: un Dios único, procedente de los desiertos del sur y, como tal, no integrado en un sistema politeísta; un Dios que había dado muestras de su divinidad libertando de la esclavitud de una ciudad a un grupo de oprimidos; un Dios que se había vinculado unilateral y exclusivamente a los más marginados de la sociedad. En cuanto tal, estaba ciertamente predestinado a ser el Dios de una mancomunidad tribal, el único capaz de garantizar a ese grupo su libertad recién conquistada.⁵¹

A segunda fase é caracterizada pelos conflitos com o deus Baal. Esses conflitos ocorrem no século IX a.C. “No mundo religioso cananeu-israelita deste período, o Deus Baal, filho de El, assumiu a primazia no panteão divino [...] Baal é o Deus do raio, responsável pela chuva e, assim, pela fertilidade do solo e também dos ventres”⁵². Nesse período, sob o

⁴⁸ REIMER, 2009, p. 40.

⁴⁹ REIMER, 2009, p. 40-41.

⁵⁰ REIMER, 2009, p. 41.

⁵¹ ALBERTZ, 1999, p. 146.

⁵² REIMER, 2009, p. 41.

governo de Acabe e Jezabel, há uma baalização do culto javista. A historiografia deuteronomista situa também nesse período as críticas de Elias e Eliseu contra a política de expansão e comércio do Estado que era apoiada pelo deus da fertilidade.

A historiografia deuteronomista também situa nesse período a ação de Jorão (852-841 a.C.), que retira a estátua de Baal do templo de YHWH em Samaria, bem como a posterior ação militar de Jeú (841-813 a.C.), que sob a ‘animação profética’ e ideológica do ‘programa’ de Elias e Eliseu, manda destruir o templo de Baal e promove uma matança dos sacerdotes de Baal (2 Reis 9-10).⁵³

Diante de todo esse panorama, para Haroldo Reimer, é inevitável a negação de que o objetivo da historiografia deuteronomista era afirmar a superioridade de Iahweh diante do deus Baal. Consequentemente, essa superioridade seria afirmada diante de qualquer outro deus que pudesse vir a ser adorado pelo povo de Israel.

A terceira fase é caracterizada por uma ênfase na adoração exclusiva ao deus Iahweh. Um dos personagens dessa fase é o profeta Oséias. Sua atuação se situa no século VIII a.C. Ele denuncia à idolatria a outros deuses e a prostituição⁵⁴ de Israel com os mesmos, essa prostituição para Oséias era a adoração de outros deuses que não fosse o deus Iahweh.

A julgar pelas palavras polêmicas do profeta, o problema principal no período em questão está em que os dízimos e as ofertas na ‘eira’, isto é, nos momentos altos da colheita agrícola são destinados pelos israelitas não para YHWH, mas para Baal, considerado em todo o mundo cananeu como o responsável pela fertilidade. Vistos em seu conjunto, os textos do livro de Oseias estabelecem a exigência da adoração somente a YHWH.⁵⁵

Nessa fase podemos citar também a reforma de Ezequias (2 Reis 18:4). Entre suas ações, a remoção dos lugares altos e a quebra das colunas. Ele “fez em pedaços a serpente de bronze, chamada Neustã, a qual até aquele momento estava no templo de Jerusalém para adoração pública”⁵⁶. A reforma de Ezequias está relacionada com o Código da Aliança (Êxodo 20). “É sintomático que este código de leis apresenta o seu centro teológico no culto exclusivo a YHWH, em detrimento de qualquer outra divindade”⁵⁷.

O rei Ezequias teria tomado atitudes que o fez ser apreciado pelos redatores bíblicos: “(Ele) fez o que agrada aos olhos de Yhwh, imitando o que fizera Davi, seu pai [...] não houve, entre todos os reis de Judá, quem se lhe pudesse comparar (2Rs 18,3 e 5)”⁵⁸. “Segundo

⁵³ REIMER, 2009, p. 42.

⁵⁴ Para o autor, Israel se prostituía quando adorava e prestava culto a outros deuses que não fosse o deus Iahweh.

⁵⁵ REIMER, 2009, p. 43.

⁵⁶ REIMER, 2009, p. 43.

⁵⁷ REIMER, 2009, p. 43.

⁵⁸ ROMER, 2016. p. 177.

os livros dos Reis, Ezequias é um predecessor do rei Josias, porque parece que ele já põe em obra uma reforma de exclusivismo javista centrado em Jerusalém”⁵⁹.

Para Reimer, esses dois personagens caracterizam a terceira fase da adoração exclusiva a Iahweh. Fica claro como a história foi se desenhando e como Iahweh começou a ser o único deus adorado, excluindo e demonizando os demais deuses e deusas que faziam parte do imaginário israelita da época.

A quarta fase do processo de monolatrização é expressa pela reforma de Josias e o monoteísmo nacionalista. Após o reinado e a reforma de Ezequias, reinou em Judá Manassés (687 a 642 a.C). Nesse período, as práticas religiosas que Ezequias havia eliminado da sociedade foram novamente implantadas pelo rei Manassés. “Tendo reintroduzido práticas assírias no templo, assim como o culto de Aserá. A longa enumeração das faltas de Manassés em 2Rs 21,1-9 e 16-18, transgredindo todas as leis importantes do Deuteronômio, abre, na mente dos redatores dos livros dos Reis, a via para a reforma de Josias”⁶⁰.

A julgar pelas informações contidas no relato de 2 Reis 22-23, houve nesta reforma um conjunto de medidas que visavam fortalecer a adoração exclusiva a YHWH, e esta, por sua vez, exclusivamente em Jerusalém, com a centralização do culto no templo principal.⁶¹

Com os acontecimentos da reforma de Josias são destruídos o imaginário, a cultura e a identidade do povo de Israel. Até esse período eram permitidas imagens e esculturas dos deuses, porém a partir de Josias toda e qualquer imagem foi abolida da sociedade. Dessa forma,

Josias empreende, então, importantes modificações culturais em Jerusalém e em Judá. Elimina os símbolos culturais, como o exército celeste, e os sacerdotes das divindades Baal e Aserá. Ele profana e destrói também as *bamôt*, os santuários ao ar livre (os “lugares altos”) consagrados a YHWH.⁶²

A quinta e última fase é a legitimação de todo esse processo. Ela é conhecida como monoteísmo absoluto ou clássico. Nessa fase, Iahweh é o único deus adorado e não existe competição com outros deuses. “A convicção monoteísta é colocada na boca do profeta Deutero-Isaías, cuja atuação em geral é situada junto aos exilados na Babilônia.” Em Isaías 45-5 se lê: “Eu sou Iahweh, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus”⁶³. Para

⁵⁹ ROMER, 2016, p. 183.

⁶⁰ ROMER, 2016, p. 184.

⁶¹ REIMER, 2009, p. 46.

⁶² ROMER, 2016, p. 188.

⁶³ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Reimer, o monoteísmo hebraico se constitui de três ideias básicas: 1. Somente Iahweh é Deus; 2. O culto deve ser anicônico e 3. Fé em Deus e ética no cotidiano⁶⁴.

O período do exílio e do pós-exílio foi extremamente importante para a fixação de Iahweh como o único Deus. Nesse período afirmou-se o poder criacional de Iahweh sobre o deus babilônico Marduc e, posteriormente, sobre todos os deuses, deusas e sobre a humanidade.

O monoteísmo absoluto, excludente ou clássico firmou-se em Israel de modo mais contundente no período do pós-exílio, com o retorno de parcelas da antiga elite sacerdotal exilada na Babilônia, designada de *golah*. O pós-exílio é o tempo em que, no antigo Israel, acontecem as formulações decisivas das tradições e dos textos referenciais e sagrados da história religiosa do povo hebreu.⁶⁵

Dessa forma, se desenha a história da monolatria do povo de Israel, onde deusas e deuses são excluídos e posteriormente demonizados pelas futuras tradições. Durante esse período, a deusa Asherah, consorte de Iahweh, era uma figura importante do imaginário popular da sociedade. Ela também foi excluída, demonizada e posteriormente esquecida pelas gerações que não tiveram acesso às suas histórias. “Embora os redatores bíblicos critiquem os reis que teriam favorecido a veneração de Aserá, não há dúvida de que, até o fim do século VII antes de nossa era, esse culto desempenhava um papel importante”⁶⁶.

Na narrativa bíblica, são perceptíveis divindades que ocuparam lugar de destaque nas celebrações religiosas da sociedade veteroisraelita. Um caso desse gênero, por exemplo, é o da deusa Asherá, a qual contava com uma representação sua dentro do templo de Jerusalém (II Reis 21:7; II Reis 23:4; II Reis 23:7), além de ter um considerável número de profetas dedicados ao seu culto (I Reis 18:19). A deusa Asherá chegou a ser cultuada por membros da família real (I Reis 15:13), o que demonstra que sua veneração não era algo marginal, ou melhor, não se tratava de uma devoção “clandestina” típica da religiosidade popular; outrossim, era ampla, pública e notória, permeada inclusive entre as camadas mais elevadas da sociedade veteroisraelita.⁶⁷

2 ASHERAH A DEUSA PROIBIDA

Um dos cultos banidos e demonizados com a instauração do monoteísmo foi o culto a Asherah. Por esse motivo, voltaremos então ao “princípio da Deusa, aquela que nos é e foi historicamente tirada, proibida, negativizada, demonizada por discursos e práticas alicerçados

⁶⁴ REIMER, 2008, p. 72-74.

⁶⁵ REIMER, 2009, p. 49.

⁶⁶ ROMER, 2016, p. 166.

⁶⁷ BERLESI, 2011 apud BERLESI, 2017, p. 201.

numa cultura patriarcal e machista”⁶⁸. “Que possamos dar ao feminino o lugar a que tem direito também no universo simbólico e religioso”⁶⁹.

Assim como foi retratado acima, antes da ascensão do monoteísmo, havia um contexto politeísta. Isto é, havia um panteão de deuses e deusas, “do qual Javé fazia parte, sendo que ‘provavelmente’ foi adorado ao lado da Deusa Asherah, formando um par divino. Esta maneira de vivenciar a religião era comum em toda a região”⁷⁰ cananea.

Então quem era a Deusa Asherah? Para Cordeiro, “não há um consenso entre teólogas, teólogos e arqueólogas e arqueólogos de que Asherah seja uma deusa nem de que tenha sido adorada ao lado de Javé”⁷¹. Essa opinião se deve ao fato de há confusão quanto ao nome “Asherah”, “asherim”, “asheroth” e a forma alterada “Ashtoreth/Ashtaroth” e também a ambiguidade em que esses termos são utilizados.⁷²

Porém Albertz diz que “la palabra ‘aserá, aparte de representar um símbolo empleado por el Antiguo Testamento, hace referencia a la diosa homónima, Astarté [...] que aparece ya em los texyos de Ugarit [...] y que se considera como << madre de los dioses>> y esposa del dios El”⁷³. Romer por sua vez diz que a “a deusa Aserá era associada a Yhwh como consorte, mas ela também era venerada independentemente dele, sobretudo pelas mulheres, enquanto rainha do céu. É somente sob o reinado de Josias que Yhwh se encontra só, sem sua Aserá”⁷⁴.

Na Bíblia Hebraica, Asherah aparece em quarenta passagens bíblicas. Ela aparece no singular como “poste” (Asherah); no plural como “postes” (Asherot). No plural ela também aparece na forma do masculino (Asherim). Porém, nessa forma ela perde seu sentido original de Deusa Asherah, pois passa por um processo de masculinização⁷⁵. Em Dt 12,3, temos a destruição do símbolo de Asherah com o objetivo de que seu nome desapareça. Temos também a proibição de Dt 16,21-22 a qual,

revela que o objeto que simboliza Asherah é feito de madeira e está plantado, ou seja, trata-se de um poste ou de uma estaca e não de uma estátua ‘ao lado de um altar de Javé’ transparece o caráter cultural do símbolo e principalmente a associação da Deusa simbolizada com o próprio Javé.⁷⁶

⁶⁸ CORDEIRO, Ana Luisa Alves. *Onde estão as deusas? Asherah, a Deusa proibida*, nas linhas e entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo: Cebi, 2011. p. 12.

⁶⁹ CORDEIRO, 2011, p. 13.

⁷⁰ CORDEIRO, 2011, p. 22.

⁷¹ CORDEIRO, 2011, p. 35.

⁷² CORDEIRO, 2011, p. 35.

⁷³ ALBERTZ, 1999, p. 159-160.

⁷⁴ ROMER, 2016, p. 168.

⁷⁵ CORDEIRO, 2011, p. 44.

⁷⁶ CORDEIRO, 2011, p. 42.

2.1 Asherah na Arqueologia

Asherah não é representada apenas em textos bíblicos. Em 1934, o arqueólogo britânico James L. Starkey encontrou um jarro em Láquis. Esse jarro estava decorado e possuía inscrições raras do alfabeto semítico. Na decoração havia uma árvore flanqueada por duas cabras com longos chifres voltados para trás. O jarro foi reconstruído e fora traduzida a seguinte frase: “Mattan. Um oferecimento para minha senhora ‘Elat’”. Elat representa o feminino de El, chefe do panteão cananeu, e também equivale a Asherah⁷⁷, consorte de El no panteão cananeu.

Outros achados arqueológicos foram os pingentes ugaríticos que “retratavam uma Deusa, provavelmente, Atirat/Elat. A figura humana estilizada nestes pingentes contém o rosto, os seios e a região púbica e uma pequena árvore estilizada gravada acima do triângulo púbico”⁷⁸. Asherah, então, era simbolizada também por uma árvore. Outra descoberta arqueológica foi no deserto do Neguebe, ao sul de Jerusalém. “No templo de Arad, arqueólogos encontraram fortes evidências de um lugar de culto onde Javé e Asherah podem ter sido adorados. No santuário interno foram encontrados dois altares diante de um par de pedras verticais, que possivelmente indicavam o culto a Javé e Asherah”⁷⁹.

A arqueóloga inglesa Kathleen Kenyon, em 1960, “descobriu centenas de estatuetas femininas quebradas em uma caverna perto do templo de Salomão em Jerusalém”⁸⁰.

Em Khirbet el-Qom, a oeste de Hebrom em 1967, foi descoberto um túmulo judaico da segunda metade do século VIII a.C., com uma inscrição na parede interior. Croatto traduz a inscrição assim:

1. Uriyahu [...] sua inscrição
2. Abençoado seja Uriyahu por Javé (Iyhwh)
3. Sua luz por Aserá, a que mantém sua mão sobre ele
4. Por sua rpy, que [...].⁸¹

Para Angélica Thomaz, “nessa inscrição pode-se notar a colocação de Asherah como Deusa e sua associação com Javé. E também a função de Asherah como Deusa protetora, já que podemos considerar essas inscrições como uma benção apotropaica”⁸². Portanto é possível verificar tanto nos escritos bíblicos, como a arqueologia a existência da Deusa Asherah e os cultos e oferendas oferecidos a ela, como também o seu lugar ao lado de Javé.

⁷⁷ CORDEIRO, 2011, p. 35-36.

⁷⁸ CORDEIRO, 2011, p. 37.

⁷⁹ CORDEIRO, 2011, p. 37.

⁸⁰ CORDEIRO, 2011, p. 37.

⁸¹ CORDEIRO, 2011, p. 38.

⁸² THOMAZ, Angélica Tostes. Asherah, A Ausência Erótica de Deus. *Mandrágora*. São Paulo, v. 24. n. 1, 2018, p. 67.

Em 1975 foram encontrados inscrições no sítio de Kuntillet Ajrud, o qual fica a uns cinquenta quilômetros ao sul de Cades. Essas inscrições mostram uma estreita relação entre Yhwh e Asherah.⁸³ “Escavações da Universidade de Tel Aviv descobriram aí instalações que foram interpretadas como um santuário ou uma escola [...] foram encontradas inscrições em muros e também em cântaros (*píthoi*)⁸⁴”. Romer mostra as inscrições de três Pithos, os quais fazem referência “a duas manifestações locais do deus nacional israelita, o qual possuía um santuário em Samaria e em uma região ou cidade chamada Temã, situada a sudeste do Neguebe ou em Edom”⁸⁵.

Pithos A1

1. Dit’[...] (nome próprio 1) [...]: “Diz a Yehalle’ [I?] (nome próprio 2),

Yosa (nome próprio 3) e [...] (nome próprio 4): Eu vos abençoo (ou: eu vos tenho abençoado)

2. Por Yhwh de Samaria (*smrn*) e sua Aserá.

Pithos B 2

1-2. Amaryahu diz:

3. “Diga a meu Senhor:

4. “Vais bem?”

5-8 Eu te abençoo (eu o abençoei) por Yhwh de Témân (*[h] tmn*)¹¹ e por sua Aserá. Que ele (quer dizer Yhwh) (te) abençoe e te guarde

9 E que ele esteja com o meu Senhor”

Pithos B 3

[Eu te abençoo (eu te abençoei) por Yhwh de Temã e por /sua Aserá

Tudo o que ele pedir a qualquer um, que ele (quer dizer Yhwh) o conceda

[...] e Yhwh lhe dê segundo seu desígnio [...].⁸⁶

Para Finkelstein e Silberman, “Aserá, na maioria do tempo venerada sob o corpo de uma árvore, era, inicialmente, a parceira de Iahweh, mas com o crescente desenvolvimento do javismo como religião de um deus masculino, transcendente e único, ela foi taxada como sua

⁸³ ROMER, 2016, p. 159.

⁸⁴ ROMER, 2016, p. 159.

⁸⁵ ROMER, 2016, p. 160.

⁸⁶ ROMER, 2016, p. 159-160.

maior rival e inimiga”⁸⁷. “A veneração de Asherah exprimia-se em rituais para a fertilidade da terra, e as bênçãos dos antepassados davam esperança ao povo, para o bem-estar de suas famílias, e santificavam a posse do campo e das terras”⁸⁸.

2.2 Resgatando o Feminino

Com a abolição do culto a Asherah e a demonização de todo o imaginário que representava a figura feminina, foi atribuído a Iahweh algumas características da Deusa. Como em Gn 49,25, onde Jacó reuniu seus filhos para lhes abençoar e diz: “por El Shadai que te abençoa: Bênçãos dos céus no alto, bênçãos do abismo deitado embaixo, bênçãos das mamas e do seio”⁸⁹. Angélica Thomaz destaca que com a instauração do monoteísmo Javé foi transformado em um “Deus assexuado, sem relações familiares, ausente de corporeidade”⁹⁰.

Os símbolos da representação feminina da divindade, suas funções, seus atributos, de certa forma, também foram incorporados à divindade masculina, como, por exemplo, imagens de um Deus que é Pai e Mãe, um Deus que gera, que amamenta (Is 42,14; 66,9; Os 11,3-4; além disso, em Sl 22,9, Deus é imaginado como uma parteira, em Sl 123,2 como uma amante e em Is 46,3-4, como uma mulher).⁹¹

Christoph Uehlinger diz que com “relação à ideia de um ‘lado feminino’ de Javé, poderíamos dizer que esta compreensão da ‘Aserá de Javé’ resulta na independentização do ‘lado feminino’ de Javé na pessoa de Aserá enquanto parceira divina de Javé”⁹². Uehlinger ainda diz que “Num contexto de modificação monoteísta e sem imagens de culto, somente a língua oferecia a judias e judeus a possibilidade de imaginar lados, aspectos ou poderes criadores femininos de um (de seu) deus”⁹³.

Para Thomaz, “Javé incorpora Asherah em alguns aspectos, mas toda simbologia do sagrado é masculina, devido ao contexto patriarcal dominante”⁹⁴.

A negação e a omissão do imaginário sexual e erótico no fenômeno religioso em Israel faz parte da intencionalidade editorial de construção de uma divindade única despossuída de elementos e relações antropomórficos. A velação do corpo de Deus (Ninguém viu a Deus), a afirmação de uma divindade única e, por isso mesmo, sem relacionalidade estreitam as possibilidades do imaginário erótico como expressão religiosa. Em lugar das trocas cósmicas fertilizadoras da vida, expressas em profusões de relações entre deuses e deusas, estabelece-se uma divindade única que

⁸⁷ OTTERMANN, 2005, p. 48 apud CORDEIRO, 2011, p. 42.

⁸⁸ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 326.

⁸⁹ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

⁹⁰ THOMAZ, 2018, p. 70.

⁹¹ CORDEIRO, 2011, p. 25.

⁹² UEHLINGER, Christoph. *Companhias Incômodas para Javé? Deusas no Mundo do Antigo Israel e Arredores*. Mandrágora. São Paulo, v. 25, n. 1, 2019, p. 18.

⁹³ UEHLINGER, 2019, p. 22-23.

⁹⁴ THOMAZ, 2018, p. 72.

governa a partir da Lei e da Palavra. De todos os orifícios do corpo responsáveis pelas trocas com o mundo e as pessoas, somente a boca vai manter sua dignidade.⁹⁵

Cordeiro propõem reconstruir a divindade como Deusa, mas diz que para isso “primeiro é preciso repensar o imaginário masculino da divindade, que se reveste de um *status* único, dominante e patriarcal”⁹⁶. Pois, “o simbólico divino imaginado exclusivamente como masculino desempoderou as mulheres, suprimiu o imaginário feminino da divindade e negativizou as representações e práticas sagradas das mulheres bem como as próprias mulheres ao longo da história”⁹⁷.

Conclusão

O artigo mostrou como as teorias apresentadas do Fohrer e do Reimer consideram que tenha sido a história de monolatrização de Israel. A partir de Fohrer, que opera sob paradigmas historiográficos antigos, foi apresentado diversos pontos importantes nesse processo: as ondas migratórias para povoar o crescente fértil, Moisés e sua participação sendo um receptor da revelação de Iahweh, fundador do culto e líder inspirado do grupo nômade, os conflitos entre o javismo e grupo nômade e a religião Cananea, as ações de Ezequias, Josias e como foi se desenhando esse processo da monolatrização. Mesmo atuando sob paradigmas historiográficos antigos, é capaz de perceber encaminhamentos que no fim, combinam com as perspectivas mais atuais. A partir de Reimer, o qual faz parte da historiografia recente, foram apresentadas cinco fases do processo de monolatrização: os conflitos entre os deuses El, Baal e Iahweh, como também as ações tomadas por Oséias, Ezequias, Josias e Manassés e o resultado de todas essas ações foi a monolatrização de Israel.

Foi apresentada quem era a Deusa Asherah. Como ela foi uma figura importante no imaginário israelita, não só para as mulheres, mas também para os homens. Ela fez parte do panteão cananeu e, posteriormente, foi adorada como consorte de Iahweh. Mas, possivelmente também foi adorada sozinha. Porém, com a implantação do javismo foi demonizada e excluída das práticas e da vida religiosa do povo de Israel. Mesmo assim, permaneceu viva no imaginário de seus adoradores. Falar hoje de Asherah, da força dessa deusa criadora é falar de um “processo de conscientização das mulheres enquanto mulheres; que valorizem seus corpos, seus sentimentos, suas visões de mundo e sua inteligência”⁹⁸, é falar da força que

⁹⁵ PEREIRA, 2001, p. 8 apud THOMAZ, 2018, p. 70-71.

⁹⁶ CORDEIRO, 2011, p. 63.

⁹⁷ CORDEIRO, 2011, p. 66.

⁹⁸ CORDEIRO, 2011, p. 65.

existe dentro de cada mulher, que faz cada uma lutar todos os dias por seus direitos, por sua liberdade e por sua voz.

Referências

ALBERTZ, Rainer. *Historia de la Religión de Irael em Tiempos del Antiguo Testamento: de los comienzos hasta el final de la monarquía*. Madria: Trotta, 1999.

BERLESI, Josué. A questão do Monoteísmo. In: *O Israel Antigo em debate: uma análise da história de Israel da educação básica ao ensino superior*. São Leopoldo, 2017. p. 197-203.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. *Onde estão as deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: Cebi, 2011.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não Tinha Razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

FOHRER, George. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda/ Paulus. 2006.

LIVERANI, Mário. *Para além da Bíblia: História Antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre monoteísmo hebraico*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2009.

REIMER, Haroldo. Monoteísmo e Identidade. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 16, p. 66-79, 2008.

ROMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

THOMAZ, Angélica Tostes. Asherah, A Ausência Erótica de Deus. *Mandrágora*. São Paulo, v.24. n. 1, p. 59-76, 2018.

UEHLINGER, Christoph. Companhias Incômodas para Javé? Deusas no Mundo do Antigo Israel e Arredores. *Mandrágora*. São Paulo, v. 25, n. 1, 2019, p. 5-31.